

# “CONHEÇO O SAL...”

## O BRILHO ETERNO DE AMANTES ENLAÇADOS

**Danilo Bueno\***

O poema organiza-se em seis tercetos, compostos por versos brancos, metrificadas em decassílabos, com exceção do último, um alexandrino. A anáfora (“Conheço o sal”) é mantida nas primeiras cinco estrofes, quebrada apenas na estrofe final, possivelmente para intensificar a expressividade ao privilegiar o rompimento da simetria. Ainda nessa estrofe, há um tom mais elevado, seja pelo hipérbato (inversão): “A todo o sal conheço que é só teu,” seja pela “chave de ouro”: “um cristalino pó de amantes enlaçados”, que usa o alexandrino, metro mais solene do que o decassílabo.

O poema se inicia com a imagem dos amantes que repousam depois do “estio” que logo deriva em “inverno”, sequência que amplia a duração do sexo, agora mensurado pelas estações, sugestão de uma temporalidade mais alongada para a união (antiga, integral) dos amantes. No início do poema, o sal é suor da pele, quintessência da relação integral de anos, que se transforma, na segunda estrofe, em alimento e prazer: “o leite que bebemos”, a saliva dos lábios e do sexo fremente, na agitação do encontro amoroso.

A imagem do sal é continuada na terceira estrofe para abranger os cabelos da amante/amada, brilhantes no descanso do sono (iluminados pelo amor, ainda mais humanos), criando alegorias para a percepção do corpo amante a partir das acepções conotativas do vocábulo “sal”, percebido sinestésicamente, pelo tato, pela visão e pelo paladar, em uma representação intensa, amplificadora, dos gestos do amor.

A quarta estrofe revisita a paisagem marinha, tão cara à imagética de Jorge de Sena, e compara o sabor e o odor do mar com aquilo que permanece nas mãos do amante/amado, aquilo que ele carrega o tempo inteiro com ele,

outra vez a fusão alquímica da matéria. Nesse passo, os elementos aquáticos intensificam a sugestão erótica, principalmente com a ideia da maré que desce e se retrai, em oscilação diuturna, símile das circunvoluções do desejo. Com o ir e vir das marés, outra vez mede-se o tempo a partir dos elementos naturais, criando-se analogias que sustentam o amor como um sentimento de expansão cada vez maior. A estrofe é terminada com o adjetivo “azulados”, coloração lunar e noturna, em uma paisagem em que o mar, subentendido ao fundo, com seus ruídos, dilata-se no corpo dos amantes, pelo perfume difuso das praias.

O sal, na quinta estrofe, pincela a descrição da amante/amada em suas regiões mais inspiradoras, delimitando a carnalidade do amor: língua, mamilo, cintura, coxa em um movimento de descida que percorre o sabor e a extensão do corpo, em êxtase, ao dimensioná-lo a partir da própria língua. Aqui, o contato amoroso pende entre a delicadeza e a lascívia, em um remate quase desesperado, que suscita o conhecimento amplo do amante que, de cor (e essa expressão não é gratuita) visita o outro já entranhado em sua memória afetiva e visual.

A última estrofe, com seu hipérbato inaugural, busca elevar o tamanho da amante, que, única, passa a abranger todo o sal, logo todo o amor e todo o mundo, em um efeito metonímico de grande efeito plástico: conhece-se a extensão do vasto mundo pelas formas da amante (grão a grão: flor de sal à flor da pele), sugerindo aquilo que o sal tem de indestrutível e místico para várias culturas. Porém, é o penúltimo verso, e não o último, o mais bonito do poema, com seu vaivém que retoma a maré e os espasmos da carne: “ou é de mim em ti, ou é de ti em mim,”, imagem que prepara o toque final, dos “amantes enlaçados” para sempre, para depois da morte, em um gesto que une o efêmero do gozo ao inexcedível compasso do amor, que projeta intensidade e circularidade cenográfica ao poema (daí, talvez, o tom mais elevado), como as estações, as marés, o ritmo das eras.

Talvez os tercetos, em uma leitura simbólica, sugiram a metamorfose pelo amor e pelo sexo, a terceira via (o dois mais um), em que os seres se fundem em um único, que já é outro, mistura de forças criadas e incriadas, como a do sal cristalino que recobre a face da terra.

---

\* Mestre e Doutor em Letras pela FFLCH/USP.